

ARTE, SUBJETIVAÇÃO E MUNDIVIDÊNCIA: UM BIOGRAFEMA SOBRE A CEGUEIRA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Alisson Barbosa Azevedo¹

Raimundo dos Santos Bezerra²

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre arte e constituição do sujeito, a partir da experiência de uma pessoa cega congênita, com base na crônica 'Itinerário das riquezas insondáveis – cartografia existencial acerca da relação de uma pessoa com deficiência visual com a arte', de Alisson Barbosa Azevedo. Utilizamos o conceito de biografema, formulado por Roland Barthes, como chave de leitura para compreender como fragmentos de vida revelam processos de subjetivação. A arte, entendida como experiência estética e simbólica, surge como um vetor de transformação e empoderamento, ampliando a visão de mundo e possibilitando acessos antes restritos. A experiência humana é intrinsecamente moldada pelas interações com o mundo e com as diversas formas de conhecimento e expressão. Entre essas, a arte emerge como um campo fértil para a constituição da subjetividade e para a ampliação da percepção da realidade. Este artigo, fundamentado em um biografema, tem como propósito investigar como a arte, em suas múltiplas manifestações, operou como um vetor de transformação e empoderamento na vida de uma pessoa cego congênito. A narrativa pessoal será o fio condutor para explorar as "riquezas insondáveis" que brotam da relação com a arte, compreendidas como os frutos simbólicos colhidos dessa interação.

1 Bacharel em Direito, Mestre em Geografia, pessoa com deficiência visual congênita, militante da Adveego (Associação das Pessoas com Deficiência Visual do Estado de Goiás). Técnico Judiciário do TRE-Go. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, sujeito e exist(*)ência "Dona Alzira".

2 Pedagogo, Psicopedagogo, Bacharel em Direito, Mestre em Geografia. Membro do OPTE – Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais – UFT). Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Palmas – To.

PALAVRAS CHAVES: Arte. Subjetivação. Mundividência. Biografema. Cartografias Existenciais. Pessoa com deficiência visual.

1. CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA

Este trabalho propõe-se a explorar a intrínseca relação entre a arte – notadamente a leitura, a escrita, a música e o cinema – e a constituição do sujeito, a partir da experiência de uma pessoa cega desde o nascimento. A nossa intenção é analisar a crônica “Itinerário das riquezas insondáveis – cartografia existencial acerca da relação de uma pessoa com deficiência visual com a arte”, de autoria do Ms. Alisson Barbosa Azevedo. Tomando como base um biografema³, a narrativa revela como o contato com diversas manifestações artísticas atuou como um dispositivo de subjetivação, ampliando a visão de mundo e permitindo o acesso a espaços e saberes que, sem essa mediação, seriam restritos ou proibitivos.

Na contramão das abordagens biográficas tradicionais, Roland Barthes propõe o conceito de biografema como fragmento sensível da vida, não linear nem totalizante. Trata-se de uma experiência condensada — um gesto, um gosto, uma cena — que carrega uma singularidade capaz de afetar o leitor. Nas palavras do autor, “deveria haver apenas o biografema: alguns detalhes, alguns gostos, alguns incidentes, talvez, que por acaso do texto brilham como sinais de vida” (Barthes, 2004, p. 145). Neste artigo, o biografema funciona como um dispositivo de leitura e escrita de trajetórias que se esgarçam entre o vivido e o narrado, o íntimo e o político.

A noção de “riquezas simbólicas” aqui empregada dialoga diretamente com a concepção de Barthes (1975) acerca do biografema. Para Barthes, o biografema constitui-se em fragmentos significativos da existência, permeados de sentido e intensidade, que revelam mais sobre a imagem de si construída por meio de referências afetivas e simbólicas do que por traços objetivos. Neste

3 Barthes define biografema como “traço de vida significante”, o que pode ter duas acepções diferentes: a) que significa alguma coisa → biografia de tese → mitobiografia; b) que está na significância (no limite da significação – na ultra ou na infra-significação – que remete ao corpo do leitor: impregnação erótica, des-repressão) (BARTHES, 2010, p. 351)

contexto, a arte não é meramente um passatempo, mas um elemento catalisador de processos de subjetivação, conforme postulado por Guattari (1992), para quem a subjetividade pode ser reinventada continuamente pela arte, pelo desejo e pela criação.

O itinerário narrado neste estudo abrange desde a infância, marcada pela alfabetização em braille aos sete anos, até a vida adulta, caracterizada por encontros transformadores com a literatura, a música e o cinema. Particularmente, a leitura assume um papel central como dispositivo de subjetivação, permitindo a constituição do eu por meio de experiências estéticas e simbólicas. A "mundividência" – conceito cunhado por Belarmino (2019) para descrever a ampliação simbólica do mundo pela experiência estética – torna-se um pilar fundamental para compreender como a arte expandiu a visão de mundo do narrador, especialmente diante das barreiras impostas pela deficiência visual.

Joana Belarmino (UFPB, 2008), pesquisadora cega congênita, desenvolveu o conceito de "mundividência tátil" (que por vezes também é referida como "tactognose"). Este conceito vai além de uma simples percepção sensorial; ele descreve um modo de ser, perceber e apreender o mundo que é crucialmente dependente do complexo tátil e de outros sentidos não visuais.

Belarmino, artista e pesquisadora, tem se destacado por sua abordagem singular e profunda da relação entre arte e deficiência. Sua produção transcende a mera representação, buscando desconstruir noções padronizadas de corpo e percepção, e, assim, promover uma inclusão legítima. Belarmino utiliza a arte como um potente dispositivo para explorar as múltiplas formas de ser e estar no mundo, desafiando a visão hegemônica que muitas vezes marginaliza as pessoas com deficiência. Suas obras frequentemente convidam o público a experimentar outras perspectivas, fomentando um diálogo essencial sobre diversidade, acessibilidade e a riqueza da experiência humana em toda a sua grandiosidade.

Na perspectiva de Souza (2008), a arte, em suas diversas manifestações (literatura tátil, esculturas, música, performances que exploram o tato e a audição), é um catalisador para a mundividência. Ela permite que o narrador

(especialmente aquele com deficiência visual) acesse e interprete o mundo de maneiras profundas e simbólicas, expandindo sua visão de mundo para além do que seria possível apenas com os sentidos remanescentes em sua função mais básica.

Além disso, a interação com o outro, mediada pela arte, será analisada à luz do que Kastrup (2007) denomina "cartografia", entendida como um mapeamento das transformações do sujeito em sua relação com encontros e intensidades. Essa "cartografia existencial" se manifesta nos deslocamentos físicos e simbólicos que o narrador vivencia, reinvertendo-se em novos espaços de experiência. A inclusão, neste artigo, é abordada para além das normativas institucionais, emergindo como uma experiência sensível e simbólica, alicerçada no reconhecimento da diferença e no acolhimento da alteridade, em conformidade com as ideias de Silva (2000).

2. REFLEXÕES TEÓRICAS

Este estudo está interligado a um conjunto de conceitos teóricos que permitem compreender a complexa interação entre arte, subjetividade e experiência da deficiência. A escolha desses referenciais visa aprofundar a análise da narrativa pessoal do biografema, conferindo-lhe um arcabouço acadêmico robusto.

Iniciamos com a noção de biografema, proposta por Barthes (1975), que o conceitua como "fragmentos significativos da existência, carregados de sentido e intensidade". Essa abordagem é crucial para analisar a narrativa pessoal, uma vez que não busca uma biografia linear e exaustiva, mas sim os momentos singulares que revelam a constituição do sujeito, contrastando-se, assim, com outras formas mais tradicionais de biografia ou autobiografia.

A leitura, neste contexto, é abordada como um potente dispositivo de subjetivação e vetor de criação, conforme a concepção de Guattari (1992). Para o autor, a leitura é uma "forma de constituição de si através de experiências estéticas e simbólicas", e o "vetor de subjetivação" se manifesta nos encontros

com o outro, produzindo "linhas de fuga e abertura para a criação de novos territórios existenciais".

Se, como diz Barthes, "um biografema bastaria para evocar a vida de um autor" (1975, p. 76), o mesmo pode ser dito das cartografias existenciais aqui reunidas. Elas não descrevem trajetórias completas; elas fazem ver: "o começo de tudo é isso mesmo..." (p. 31), "a poeira da rua é um inferno" (p. 39), "malditas sejam todas as cercas" (p. 38), "nada sobre nós sem nós" (p. 31).

Complementarmente, exploramos o conceito de "mundividência" de Belarmino (2019), definido como uma "ampliação simbólica do mundo a partir da experiência estética". Essa perspectiva é fundamental para entender como a arte pode expandir a visão de mundo e construir mapas cognitivos e emocionais, especialmente para pessoas com deficiência, permitindo-lhes transcender as barreiras físicas e sociais e acessar um universo simbólico mais vasto.

A noção de "cartografia", apresentada por Kastrup (2007), oferece uma lente para compreender as transformações do sujeito em sua relação com os encontros e as intensidades da vida. Ao conceber a "cartografia existencial", percebemos como o indivíduo se reinventa e se reconecta com o mundo ao transitar por novos espaços de experiência, mapeando suas próprias transformações contínuas.

O "encontro estético" também é um pilar teórico essencial. Deleuze (1997) descreve-o como "uma força que afeta o corpo e o pensamento, produzindo sentido e desejo". Esse conceito se relaciona diretamente com o "encantamento do coração" de James Joyce, enfatizando a dimensão corpórea e afetiva desses encontros artísticos que geram novas sensações e abrem caminhos para a criação e a compreensão do mundo.

A obra *Uma Ponte ao Mundo – Cartografias Existenciais da Pessoa com Deficiência e o Trabalho* (Chaveiro; Vasconcellos, 2018) é atravessada por múltiplas narrativas de vida, que se desenrolam sob a forma de fragmentos sensíveis, vozes múltiplas, paisagens corporais e trajetórias sociais. Tal estrutura polifônica aproxima-se diretamente da noção de biografema, tal como

concebida por Barthes (1975), ao privilegiar o detalhe expressivo, o traço irrepetível, a imagem capaz de condensar uma existência.

Chaveiro; Vasconcelos (2018), propõe uma política da escuta e da escrita do corpo e da subjetividade, onde cada existência é concebida como um “museu humano das marcas do mundo” (p. 28). Essa metáfora funciona como um biografema conceitual: carrega em si um índice sensível e político do que é viver com deficiência, ou melhor, com “suficiências de mais ou de menos”.

Tomemos, por exemplo, o trecho:

“Eu nasci cego, sou cego congênito... com ajuda, o cego aprende isso, a gente vai abrindo os horizontes” (Chaveiro; Vasconcellos, 2018, p. 31).

Este excerto condensa uma subjetividade marcada pela experiência sensorial, mas também pela agência. Ele escapa da lógica da vitimização e se inscreve como um biografema de luta e sensibilidade: um “fragmento suficiente” de uma vida que se faz visível na enunciação.

Do mesmo modo, o retrato de Tereza Silva – mulher negra, periférica, marcada pela dor, invisibilidade e resiliência – constitui um biografema existencial e corporal:

“A dor na coluna desata a insatisfação... mas Deus está vendo... a oração é o bálsamo da alma” (p. 40).

Esse biografema toca simultaneamente o corpo e o sagrado, a opressão e o consolo, revelando a mulher enquanto sujeito político e afetivo, sem jamais dissolvê-la numa identidade fixa.

Por fim, a discussão sobre inclusão transcende a mera normativa, focando no "Reconhecimento da Diferença e Acolhimento da Alteridade". Silva (2000) argumenta que a "inclusão verdadeira" "se dá no momento em que o outro é reconhecido em sua diferença, e não quando é assimilado à norma". Essa perspectiva se alinha à concepção guattariana de "subjetivação estética", na qual a arte se torna um "dispositivo de produção de novos modos de

existência", promovendo um espaço onde as identidades podem ser celebradas em sua pluralidade.

No aprofundamento dos conceitos identificados no biografema do Alisson Azevedo, acreditamos que "outras leituras" possam desnudar a experiência nele narrada no biografema e trazer para o leitor/pesquisador um conhecimento sólido desta temática.

A arte como ampliação da "mundividência" para pessoas com deficiência, possibilitando a "sublimação da experiência do cotidiano". A inclusão "que vai além da normativa institucional", emergindo como "experiência sensível e simbólica, baseada no reconhecimento da diferença e no acolhimento da alteridade". A paródia da canção "o estrangeiro", de Caetano Veloso como "afirmação estetizante da identidade" e "batismo simbólico da cegueira". *"O amor é cego, / Ray Charles é cego, / Stevie Wonder é cego / [O Alisson é cego]"*

3. ANÁLISE

A narrativa do biografema revela como a arte permeou a trajetória do narrador desde a infância. A alfabetização em braille, aos sete anos, abriu o caminho para uma vida de leituras intensas. As bibliotecas especializadas se tornaram espaços de descobertas, onde a leitura operava como dispositivo de subjetivação, permitindo a constituição do eu por meio da experiência estética.

O encontro com o professor Roberto Amaral constituiu um marco. Substituindo métodos tradicionais por práticas baseadas em leitura, música e produção textual, o professor proporcionou ao narrador um 'encantamento do coração' (Joyce) e experiências estéticas que transformaram sua relação com a literatura e com o mundo. Esse vínculo gerou novas descobertas — de Vinicius de Moraes a Kafka — e configurou um território existencial de pertencimento e criação.

A amizade com o professor também possibilitou experiências com o cinema e a música. Mesmo sem recursos de acessibilidade, o narrador viveu intensamente o cinema através das descrições dos amigos e das trilhas

sonoras. A música, por sua vez, tornou-se fonte de realização e de afeto, consolidando-se como arte de maior impacto em sua formação estética.

As mudanças de cidade revelaram novos desafios, mas também novas possibilidades. Em Estreito (MA), a ausência de recursos não impediu a criação de parcerias e o desenvolvimento de uma escrita jornalística, que ampliou o contato com a sociedade. Em Palmas, o reencontro com amigos e a retomada da literatura consolidaram a identidade de escritor e poeta, reafirmando a centralidade da arte em sua vida.

O conto 'A terceira margem do rio', de Guimarães Rosa, sintetiza simbolicamente a experiência do narrador: tal como o filho que narra a partida do pai, ele tangencia as margens da exclusão, sem habitá-las, transformando-as em narrativa. Essa metáfora expressa a capacidade de converter a cegueira em potência criadora, produzindo riqueza simbólica que amplia sua mundividência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O biografema analisado evidencia como a arte, em suas múltiplas formas, atua como dispositivo de subjetivação e vetor de inclusão. Para o narrador, cego congênito, a leitura, a música e o cinema não apenas proporcionaram prazer estético, mas ampliaram sua visão simbólica de mundo, permitindo-lhe habitar territórios existenciais que ultrapassam as barreiras físicas e sociais.

A mundividência, conceito central de Belarmino (2019), mostra-se fundamental para compreender como a experiência estética amplia o horizonte do sujeito, transformando a deficiência em ponto de partida para novas sensibilidades e modos de existir. Os encontros com o professor e com a arte foram decisivos para que o narrador construísse uma identidade não reduzida à condição de cego, mas expandida pela riqueza simbólica da estética.

Assim, a arte não surge como paliativo ou compensação, mas como campo de experimentação, criação e empoderamento. Ela possibilita a reconfiguração de si e do mundo, reafirmando a diferença como potência. Ao

transformar experiências pessoais em narrativas, o narrador torna-se autor de sua própria história, mostrando que a arte é, de fato, uma riqueza insondável.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1975].]

CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. *Uma Ponte ao Mundo: Cartografias Existenciais da Pessoa com Deficiência e o Trabalho*. Goiânia: Kelps, 2018.

BELARMINO, Joana. *Ver com o coração: estética, deficiência e mundividência*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Lúcia Silveira. Campinas: Papirus, 1992.

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Trad. Cássia Maria Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KASTRUP, Virgínia. A cartografia como método de pesquisa em Psicologia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 39-58.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 13-59.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUSA, Joana Belarmino. O que percebemos quando não vemos? Colóquio “Ver e Não-Ver”, Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro, 2008. pp. 179-184

EIXO TEMÁTICO PRIORITÁRIO: Eixo 08 - Deficiência: expressões históricas, Identidades, subjetividades, histórias de vida e narrativas de si

EIXO TEMÁTICO SECUNDÁRIO: Eixo 05 - Arte, Cultura, Lazer das pessoas com deficiência no contexto urbano: relatos de experiências nos territórios